



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS- UNICAMP  
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS – FCM  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA  
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL E SAÚDE  
COLETIVA

ANDRÉ PIMENTA DE MELO

**O CÉU DA BOCA DO INFERNO- DEVANEIOS E PROVOCAÇÕES DE UMA  
CLÍNICA EM DISPUTA**

CAMPINAS- SP

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS- UNICAMP  
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS – FCM  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA  
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL E SAÚDE  
COLETIVA

ANDRÉ PIMENTA DE MELO

**O CÉU DA BOCA DO INFERNO- DEVANEIOS E PROVOCAÇÕES DE  
UMA CLÍNICA EM DISPUTA**

Trabalho de conclusão do primeiro ano da Residência Multiprofissional em  
Saúde Mental da Unicamp, sob supervisão da Mestre Ellen Cristina Ricci.

Orientador: Ms. Ellen Cristina Ricci.

CAMPINAS- SP

2018

## **Agradecimentos**

À Rosana Onocko , Bruno Emerich , Éllen Ricci e Gastão Campos pela construção desse projeto de formação, por embarcarem nessa grande empreitada e se permitirem conosco essa transformação e encontro.

Aos meus colegas residentes que já se formaram e nos receberam, aqueles que comigo aqui terminam e aquelas que continuam carregando a bandeira, que pela coragem, paixão antimanicomial e quiçá imprudência embarcaram nessa grande viagem que é residir na saúde mental por 2 anos, em nossa segunda moratória de vida, este que é escolhida e auto imposta. A vocês desejo que as marcas da formação sejam duradouras e potentes, permitindo bons encontros e mudanças.

À Kamila, minha companheira de tantas coisas, parceira de sonhos e projetos, de cuidados e carinhos, sei que você foi em muitos momentos quem me ajudou, escutou e acolheu, permitindo enfim que eu concluísse esse trajeto.

Aos colegas do CAPS AD Independência, Daniel, Carol, Lidiane, Samuel, Edilson, Vitor por todo o trabalho realizado conjuntamente e pelos preciosos aprendizados de muitas naturezas.

Aos trabalhadores do Tear pelo compartilhamento do trabalho nesse equipamento tão rico em sua singularidade, histórica e resistência.

Aos trabalhadores do Centro de Saúde Vista Alegre pela recepção, trabalho conjunto, disponibilidade e atenção, especialmente Rodrigo, Jaque e Nilton, que com empolgação e envolvimento estiveram conosco nessa tessitura de cuidados.

E ao fim, talvez o mais fundamental, aos usuários e trabalhadores do Sistema Único de Saúde e da rede de Atenção Psicossocial que diariamente provam que é possível construir saúde e cuidado como direito, produzindo formas de vida e existência mesmo em um país marcado por injustiças, desigualdades e violências de muitas naturezas. Em tempos de aprofundamento dessas contradições lhes desejo uma lembrança de nossas conquistas e de que outro mundo é possível via a luta coletiva pela emancipação.

“Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. Conhecemos o agir apenas como o produzir de um efeito. A sua realidade efetiva segundo a utilidade que oferece. Mas a essência do agir é o consumir. Consumar significa desdobrar alguma coisa até à plenitude de sua essência; levá-la à plenitude, *producere*. Por isso, apenas pode ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que todavia “é”, antes de tudo, é o ser. O pensar consuma a relação do ser com a essência do homem. O pensar não produz nem efetua esta relação. Ele apenas a oferece ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ser ter acesso à linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o ato de consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam. Não é por ele irradiar um efeito, ou por ser aplicado, que o pensar se transforma em ação. **O pensar age enquanto exerce como pensar** (negrito próprio). Este agir é provavelmente o mais singelo e, ao mesmo tempo, o mais elevado, porque interessa à relação do ser com o homem. Toda a eficácia, porém, funda-se no ser e espraia-se sobre o ente. O pensar, pelo contrário, deixa-se requisitar pelo ser para dizer a verdade do ser.”

(Martin Heidegger, Carta sobre o Humanismo)

## RESUMO

A DISCUSSÃO FILOSÓFICA ONTOLÓGICA, RARAS VEZES REALIZADA DENTRO DO CAMPO DA SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL, É DE FUNDAMENTAL RELEVÂNCIA PARA REFLEXÃO E O ESTABELECIMENTO DAS PRÁTICAS DENTRO DO CAMPO. O VÍNCULO ENTE ONTOLOGIA, POLÍTICA E CLÍNICA, EMBORA POUCO ILUMINADO, SE FAZ PRESENTE MESMO QUANDO DESCONSIDERADO, TAL COMO DEFENDIDO PELOS AUTORES DE TRADIÇÃO FENOMENOLÓGICA QUE TRABALHARAM NA SAÚDE MENTAL, COMO LUDWIG BINSWANGER, MEDARD BOSS E ARTHUR TATOSSIAN. ASSIM, ESTE TRABALHO TRATA DE UM RELATO DA EXPERIÊNCIA SOBRE OS 2 ANOS DE ATUAÇÃO DE UM RESIDENTE DE SAÚDE MENTAL E SAÚDE COLETIVA DA UNICAMP, TENDO COMO OBJETO A ASSISTÊNCIA CLÍNICA DO USO PROBLEMÁTICO DE SUBTÂNCIAS PSICOATIVAS EM SUA INTERFACE COM AS CONCEPÇÕES E VISÕES FILOSÓFICAS QUE EMBASAM AS INTERVENÇÕES CODITANAS EM SAÚDE REALIZADAS NO EQUIPAMENTOS DA REDE DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL. ESTE ENSAIO TEM POR OBJETIVO DISCUTIR COMO CONCEPÇÕES ONTOLÓGICAS, MUITAS VEZES NÃO REFLETIDAS, COTIDIANAMENTE PRESENTES NA ASSISTÊNCIA POSSUEM DESDOBRAMENTOS FUNDAMENTAIS SOBRE A POLÍTICA, SEJA ELA EM SUA DIMENSÃO MACRO OU MICRO, E A CLÍNICA ENVOLVENDO ESSAS POPULAÇÕES. UTILIZASSE COMO METODOLOGIA A FILOSOFIA FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA ESTABELECIDADA POR MARTIN HEIDEGGER, ASSIM COMO UM DIÁLOGO COM AUTORES INFLUÊNCIAS PELO FILOSOFO COMO MICHEL FOUCAULT E GIORGIO AGAMBEN. O EIXO PRINCIPAL SERÁ ESTABELECIDO POR UM RESGATE DA DISCUSSÃO SOBRE A ONTOLOGIA REALIZADA POR HEIDEGGER, NOTADAMENTE DA ONTOLOGIA FUNDAMENTAL ESTABELECIDADA PELO AUTOR EM “SER E TEMPO”, PENSANDO A EXISTÊNCIA HUMANA COMO DASEIN TAL COMO DESCRITA PELO AUTOR. A PARTIR DE UMA ANÁLISE CRÍTICA APROFUNDADA FOI POSSÍVEL EVIDENCIAR O ELO DE UMA CONCEPÇÃO ONTOLÓGICA SUBJACENTE QUE DE MODO NÃO TEMATIZADO POSSUÍA REPERCUSSÕES CLÍNICAS E POLÍTICAS NÃO REFLETIDAS. DESSE MODO DESTACOU-SE O NEXO ENTRE ONTOLOGIA, OU SEJA, ENTENDIMENTO DO SER, POLÍTICA E CLÍNICA.

**PALAVRAS CHAVES:** FENOMENOLOGIA, SAÚDE MENTAL, HEIDEGGER, AGAMBEN E BIOPORDER.

## ABSTRACT

PHILOSOPHICAL ONTOLOGICAL DISCUSSION, THAT RARELY OCCUR IN THE FIELD OF MENTAL HEALTH AND PSYCHOSOCIAL ATTENTION, IS OF FUNDAMENTAL RELEVANCE FOR REFLECTION AND ESTABLISHMENT OF PRACTICES WITHIN THE FIELD. THE LINK BETWEEN ONTOLOGY, POLITICS AND CLINICS, ALTHOUGH LITTLE ILLUMINATED, IS PRESENT EVEN WHEN UNTHOUGHT, AS DEFENDED BY PHENOMENOLOGICAL AUTHORS WHO WORKED IN MENTAL HEALTH, LIKE LUDWIG BINSWANGER, MEDARD BOSS, AND ARTHUR TATOSSIAN. CONSIDERING THAT, THIS WORK IS A REFLECTION FROM THE EXPERIENCE OF 2 YEARS OF ACTIVITIES AS A RESIDENT OF MENTAL HEALTH AND COLLECTIVE HEALTH FROM UNICAMP, HAVING AS SUBJECT THE CLINICAL ASSISTANCE OF THE PROBLEMATIC USE OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCES AND ITS INTERFACE WITH THE CONCEPTIONS AND PHILOSOPHICAL VISIONS THAT EMBASAM THE EVERYDAY HEALTH INTERVENTIONS DONE IN THE PSYCHOSOCIAL ATTENTION NETWORK. THIS ESSAY HAS AS AN OBJECTIVE A DISCUSS ABOUT HOW ONTOLOGICAL CONCEPTIONS, MANY TIMES NOT REFLECTED, INTERFERE IN THE ASSISTANCE AND HAVE A FUNDAMENTAL INFLUENCE IN THE POLITICAL, WHETHER IN ITS MACRO OR MICRO LEVEL, AND THE CLINIC DIMENSIONS INVOLVING THESE POPULATIONS. USING AS METHODOLOGY, THE HERMENEUTIC PHENOMENOLOGY PHILOSOPHY ESTABLISHED BY MARTIN HEIDEGGER, IN A DIALOGUE WITH AUTHORS INFLUENCED BY THE PHILOSOPHER SUCH AS MICHEL FOUCAULT AND GIORGIO AGAMBEN. THE MAIN AXIS WILL BE ESTABLISHED THE DISCUSSION ON HEIDEGGER'S ONTOLOGY, NOTABLY THE FUNDAMENTAL ONTOLOGY ESTABLISHED BY THE AUTHOR IN "BEING AND TIME", THINKING THE HUMAN EXISTENCE AS DASEIN AS DESCRIBED BY THE AUTHOR. FROM A DETAILED CRITICAL ANALYSIS IT WAS POSSIBLE TO EVIDENCE THE LINK OF AN UNDERLYING ONGOING CONCEPTION THAT POSSESSED CLINICAL AND POLITICAL REPERCUSSIONS THAT WERE NOT REFLECTED. IN CONCLUSION THIS SHOWS THE CONNECTION BETWEEN ONTOLOGY, OR THE UNDERSTANDING OF BEING, POLITICS AND PSYCHOSOCIAL CLINIC.

**KEYWORDS:** PHENOMENOLOGY, MENTAL HEALTH, HEIDEGGER, AGAMBEN AND BIOPOWER.

## Sumário

1. Introdução .....	8
2. Uma pergunta, um estilo e seu caminho .....	10
3. O Aberto e a Polis.....	13
4. Fenomenologia no tempo .....	17
5. O Cuidado ( <i>Sorge</i> ) no encontro das duas reduções.....	23
6. Referências Bibliográficas .....	30

## 1. Introdução

A cena é uma bricolagem de relatos, mas poderia ser verídica: João terminou seu expediente aos frangalhos. O corpo pesado ao fim do dia de trabalho como servente se faz presente penosamente a cada passo enquanto os ombros doloridos parecem perto de vacilar. Por todas as suas extremidades carrega cansaço. Pensa desanimado no dia de amanhã e na inevitável repetição que irá viver. Na volta para sua moradia, entre igrejas, bares e farmácias, se aproxima, como faz todos os dias, de uma boca perto de sua casa com o intuito de encontrar uma pedra diferente das que carrega diariamente. Enquanto as primeiras o ligam a rotina extenuante e tediosa de seu trabalho as outras lhe possibilitam uma oportunidade de se libertar dele. Esse processo já se inicia enquanto entra no comércio dos “meninos”, já rememorando outras idas, já sentindo o cansaço se dissipando. Reconhece entre os vendedores antigos conhecidos de escola e de rua, pensando nas semelhanças e diferenças de suas trajetórias de vida. Sai agitado, alerta e atento, checando pelos lados quem pode vê-lo. Suas preocupações mudam; vão do inexpressivo dia de amanhã para os possíveis perigos imediatos que cercam a vida de um usuário de crack ou qualquer outra droga ilícita no Brasil. Sabe que dependendo de qual lado do Estado encontrar no caminho pode se somar aos 680 mortos anualmente pela polícia militar de São Paulo (UOI, 2017). Afinal não é de hoje que se lembra e se canta que “Cada cassetete é um chicote para um tronco”. Tem sorte, consegue chegar a uma encosta perto do mato onde está protegido. Entra num mocó próximo, pega o cachimbo, se senta e lentamente fuma uma pedra de cada vez enquanto olha o céu, naquele dia estrelado. Aqui já não sente o peso do trabalho, a aflição do futuro ou o risco da polícia. Não sente nem mesmo o peso de ser João. Está enfim liberto.

Por um instante olha perplexo para seu “kit” e começa a refletir de onde viriam. Lembra do noticiário que mostravam as plantações de folhas de coca pelo Peru e Colômbia divagando sobre o longo percurso que aquela mercadoria percorreu até chegar em suas mãos. Será que uma parte poderia ter visto de helicóptero como viu uma vez no noticiário? Certamente não daquelas que estavam em suas mãos. Lembra de como perito do noticiário falou de como a cocaína e o crack eram semelhantes, que na verdade eram a mesma coisa. Bem, o preço certeza não é. A mercadoria também não. O que possuía era “cocaína de pobre” e não tinha nenhum fetiche de uma “igreja gringa de le chereau”. Pensou então que era engraçado como aquelas pedrinhas ligavam tanta gente, tantas vidas, e quantas pessoas deviam estar conectadas por conta de todo esse trabalho. Veio na cabeça então aquele filme de um tal de Tony Montana que

saiu de cuba e acabou na gringa vendendo pó. No filme tinha um globo com aquela frase “O mundo é seu”. Será que era do Tony ou do pó que isso falava? Uma loucura ne?

Como João, Pedro saiu da mesma boca. Contudo, diferente de João, Pedro gosta de comprar uma quantidade bem maior de pedras. Busca com isso se manter acordado noite adentro alerta. Diferente de João, não tem uma casa. A experiência por vezes não é prazerosa. A “brisa” vem acompanhada de uma sensação invasiva de estar sendo perseguido, de pensamento aflitivos de que muito provavelmente pode ser agredido caso durma. Pensamento que apenas indicam o que no passado já foi vivido. Pedro vive uma rotina fluida e dinâmica onde cada novo dia tem que cuidar de sua sobrevivência e onde quase nada parece garantido. Entre um “corre” e outro, entre um “mangue” e outro pensa um pouco em tudo que já viveu. Entre as perdas e difíceis mudanças sente uma amarga aflição e revolta, mas ao fim um fatalismo desesperançoso. Pode ao fim algo mudar? Reflete sobre sua história buscando evidências de uma possibilidade, mas ao fim em meio a tantas perdas a esperança se aproxima da ingenuidade. Seria difícil acreditar que não estava condenado. Seria difícil olhar o futuro e acreditar em alguma mudança.

## 2. Uma pergunta, um estilo e seu caminho

Poderíamos adentrar a história de João e Pedro de muitos modos. De um uso que ‘deixa a alma em standy by’, ou do que acalenta o corpo em desamparo, buscando por meio dessa entrada os sentidos que subjazem as vivências que constituem a vida, esse para que que nos orienta diariamente e que para onde todos os nossos gestos se dirigem. Ou talvez poderíamos pensar nas pedras de crack que fumam e em todo o itinerário que essa mercadoria faz para chegar no Brasil, desde as plantações de coca na Colômbia ou Peru. Com essa entrada poderíamos pensar o mercado internacional de drogas, o jogo Geopolítico do Proibicionismo, as intervenções militares Norte Americanas no Panamá de Noriega ou o bilionário Plano Colômbia, retomando então a tão íntima relação entre Imperialismo e tráfico de drogas que vem desde a Guerra do Ópio, chegando a Guerra ao Terror (ou vamos nos esquecer as altas na produção de papoula no Afeganistão após a invasão da Otan). Uma terceira entrada poderia se voltar para violações de direitos que eles sofrem. Na violação da saúde do trabalhador, na violação do direito à moradia, na presença ostensiva da violência policial e dos grupos de extermínio que circulam a Guerra as Drogas. Por meio de qualquer uma delas o que fica enfaticamente revelado é que estamos de frente a um labirinto, de um enigma, de um desafio para o pensamento.

Essas ideias aqui trazidas foram metabolizadas ao longo de muitos encontros e viagens, das quais a formação como residente em saúde mental foi uma estação, onde pude viver tanto a realidade de um CAPS-AD quanto o trabalho dessa clínica na atenção básica, seja no CECCO seja no Centro de Saúde. Em composição com essa estação destaque também os 2 anos e meio de trabalho ambulatorial no PROAD-UNIFESP e na Liga desse equipamento envolvido em grupos de usuários, em grupo de familiares, passando também pela formação como Acompanhante Terapêutico e os ATs que realizei na área, não me esquecendo do trabalho na clínica tradicional.

Penso que de tudo isso senti que essa é uma clínica de paixões incomuns e de intensidade abissais. A clínica AD, como certa vez ouvi em uma supervisão institucional, retomou a pulsão de morte. Um espaço de indefinição, de contornos caóticos, onde a dimensão trágica se faz viva, onde o projeto da modernidade de uma ditadura da felicidade rasteira fracassa, onde não há corpos dóceis e úteis, onde habita a insurgência e a escatologia, no corpo a corpo com a disciplina e controle, numa ressonância com o fardo da existência, em seu vazio e seu tédio; em um espírito como de Augustos do Anjos (1998) que "escarra nessa boca que te beija" ou como

de Nietzsche (2011) que nos lembra " Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você." Frente a isso minha tentativa é poder refletir sobre muitos dos aspectos que compõem a clínica com substâncias psicoativas e que cotidianamente são renegados, esquecidos e desprezados. E é essa diversidade de tantas entradas nessas narrativas primeiramente expostas que nos exemplifica o desafio que é hoje pensar o uso drogas, assim como o risco de cairmos facilmente em uma simplificação e reducionismo. Há de se dizer que isso também desperta um devaneio.

Me inspiro aqui, de modo não usual, no estilo de Criolo, que na “Esquiva da Esgrima” inventa um mosaico que grita a brasilidade de seu tempo, sua contemporaneidade tal como coloca Agamben. Tal como versa o refrão da música onde “É o céu da boca do inferno esperando você”, pensar as drogas dentro de nossa cultura e tempo, de gente cordial e antropofágica, requer a mistura de elementos de referências múltiplas e heterogêneas, que vão da cultura popular a erudição, sem estabelecimento hierárquico claro entre elas, numa polifonia que tenta versar o desafio que é compreender o que propriamente é nosso tempo em sua perda de referências estáveis e incessantes mudanças.

“O céu da boca do inferno” enquanto metáfora é um convite para pensar o movimento mais transcendental e mais etéreo constitutivo pelo céu em sua consonância com o mais terreno e subterrâneo que é o inferno, articulando ambos pelo elemento corporal boca. Nesse uso que proponho, convido a reflexão de como o céu pode ser pensado enquanto aquilo ligado ao nosso horizonte, nessa leitura enquanto horizonte compreensivo, aquilo que a distância nos orienta, que inevitavelmente está conectado com nosso tempo histórico e época. Dito de outro modo, se refere as condições de possibilidade legadas a nós pela história, nossa herança deixada por ela, nosso horizonte hermenêutico epocal. O inferno enquanto lugar do mais terrenos, caóticos e porque não dionisíacos que se referem a um espaço que na nossa tradição foi concebido enquanto tumultuoso, sofrido, volátil, desarmônico e subterrâneo. Por fim o mais sublime e o mais terreno se unem através do elemento corporal boca, esse que é nosso curioso órgão que fala, come, canta, fuma e bebe, que articula cotidianamente nossas dimensões mais íntimas e corporais, por onde se escapam nossos segredos e confissões, mas por onde se alimenta e se devora, por onde se incorpora ou engole, como também por onde se cospe e escarra. Em suma, existe uma inspiração estilística frente a imagem que essa metáfora evoca que pode nos orientar em como pensar todas essas questões que de algum modo atravessam e compõe a existência de Pedro e João.

Expostas as complexas multiplicidades que envolvem o campo, seria fácil cair em uma confusão e num sincretismo eclético sem um fio condutor, se uma pergunta fundamental. Me guio aqui pelo questionamento de como nossa compreensão ontológica, isso é como compreendemos o que é o ser das coisas, sobre o fenômeno do uso problemático de substâncias psicoativas se desdobra em determinadas condutas políticas e clínicas. Dito de outro modo, como nosso entendimento sobre o que é essa questão determina nosso modo de lidar com a mesma, seja em suas repercussões políticas, seja nas práticas clínicas. Dessa maneira a ontologia não estaria desligada da política, compreendida aqui “em seu sentido originário, diz respeito à coexistência e associação de homens diferentes” (JARDIM, 2013), ou da clínica, se desdobrando sobre elas de maneira significativa quer tematizemos isso ou não. Nesse sentido, por mais que a linguagem filosófica possa a uma primeira vista parecer desnecessariamente hermética e renegada a torre de marfim da academia, sua importância é crucial justamente no cotidiano de nossas vidas e práticas. O que se pretende então é resgatar o elo entre filosofia e modos de vida, entre pensamento e existência. (DASTUR e CABESTAN, 2015)

Levado por essa reflexão, me questiono se não é de se espantar que discutamos tanto a assistência em saúde e a clínica a população em uso problemático de substâncias psicoativas e nunca nos questionamos sobre afinal o que é fenômeno que buscamos intervir? Qual é enfim seu fundamento? Sabemos afinal até mesmo nomear a clínica que fazemos? Adicção ?, Farmacodependência? Dependência química? Toxicomania? Transtorno do uso abusivo de drogas? Uso nocivo de drogas ? Uso problemático de substância psicoativa ?

Proponho aqui como método e caminho para responder a questão levantada sobre o elo entre ontologia, política e clínica um olhar analítico, que se me permitem, um tanto estrábico e voltado para duas dimensões que se inter cruzarem: uma ontologia fundamental, voltada para o fundamento da nossa existência, e uma ontologia do presente, voltada para afinal o que é essa existência ou condição humana (usando um termo não rigoroso) em seu desdobramento presente, mas também para como historicamente se construirão as condições de possibilidade do presente. Se almeja por meio desse exercício alcançar a temporalidade da existência, assim como a historicidade do mundo, uma vez que o elo entre elas se estabelece de modo inalienável. Tal proposta não é nova e se enraíza no pensamento fenomenológico hermenêutico de Martin Heidegger, assim como de autores influências por ele, como Michel Foucault e Giorgio Agamben.

### 3. O Aberto e a Polis

De fato, existem muitas divergências entre os autores supracitados, todavia, entre eles se compartilha a convicção crítica de que nada na humanidade é natural, tal como advoga o humanismo. Semelhantemente eles nutrem uma desconfiança frente o otimismo descontrolado da técnica moderna, observando nesta muitas das mazelas de nosso tempo que desmedidamente aposta nela como solução de todos os nossos problemas, conflitos e sofrimentos. Ainda, afirmar que nada na humanidade é natural, significa que toda a positividade do “Homem”, esse ente que nós somos e que é designado por Heidegger como Dasein ou ser-ai decorre de seu mundo enquanto horizonte historicamente determinado de sentidos, e de que o Dasein não possui nenhuma a-priori que lhe diga como ser ou o determine. Como coloca Sodelli (2016) “sua essência e não ter essência”. Isso também significa considerar que “a interpretação do tempo como horizonte possível de toda a compreensão do ser em geral.” (DASTUR e CABESTAN, 2015)

Ainda nesse tema, é preciso considerar que uma vez que o Dasein não possui nenhuma positividade previa, nenhuma essência, ele se funda em uma indefinição originária. Não possuímos desse modo nenhuma tendência naturalmente que determine nosso modo de ser, nenhuma definição que já lhe diga como ser, assim como nenhuma familiaridade essencial. Ontologicamente, isso é em seu ser, Dasein é indeterminado. Decorre disso que Dasein tem seu ser sempre em jogo, já que não está determinado. Também decorre que toda a nossa positividade advém do mundo enquanto horizonte de sentido. Sobre isso Casanova afirma que:

O ser-ai humano é um ente desprovido de determinações ontológicas originárias, de tal modo que ele precisa necessariamente se deixar absorver no mundo fático sedimentado para alcançar a partir dessa absorção uma orientação mais ou menos precisa sobre seus modos de comportamento geral (CASANOVA, 2017, pp. 91)

O que Casanova nos orienta é que nossos modos de ser se fundam e são derivados de nosso horizonte histórico de sentido, de onde toda a nossa positividade se oriunda. Frente isso, devemos então compreender o uso problemático de substâncias nesse elo entre a temporalidade da existência e a historicidade do mundo, os locais onde as condições de possibilidade desse modo de ser se encontram. Ao mesmo tempo é nesse mesmo horizonte que encontramos a eleição desse modo de ser enquanto psicopatológico. Dito de outro modo, é no tempo que esse modo de ser se funda, mas é no tempo também que esse modo de ser é compreendido tal como fazemos cotidianamente enquanto um adoecimento. Me pergunto então se tal como as históricas

de Freud, que denunciavam o machismo e o puritanismo repressivo de seu tempo, essas existências são denunciariam algo de nosso tempo e modo de ser contemporâneos em nossa fugacidade fluida, nossa impermanência, nossas mudanças perpétuas de referencial.

A de se perguntar, contudo, o porquê do uso dessa terminologia pouco usual? Por que não usar a nossa noção tão tradicional na saúde mental de sujeito ou de subjetividade? Por que usar um termo estranho, pouco familiar, talvez até mesmo hermético? Porque nossa linguagem não é um mero instrumento ou um recurso técnico representativo sem história, herança ou lastro temporal. A estranheza aqui é estratégica. Nossa linguagem carrega o peso dos termos que ela recorre, e o termo sujeito e subjetividade se funda em uma separação entre dois mundos, na dicotomia que existiriam as coisas em si, na realidade estável e perene de modo objetivo, e como elas nos aparecem, no mundo da percepção, da aparência, fluido e mutável, logo do possível engano, que se refere a subjetividade. Justiça seja feita, por mais que nossas noções sobre a subjetividade e objetividade não sejam mais tão caricatas, elas ainda se fundam na crença dessa separação na esperança de que haveria uma apreensão possível desses dois polos, como se de algum modo eles pudessem ser apreendidos para além de sua relação co-originária. Justamente na crítica dessa dicotomia que Heidegger (1995) se recusa a usar o termo sujeito, homem, pessoa, indivíduo e afins e se utiliza da terminologia de Dasein.

Essa dicotomia longe de ser inocente teve implicações profundas no nosso modo de compreender as drogas. É por meio dela que por exemplo buscamos uma apreensão do sujeito em si ou da substância em si mesma, como se ambos pudessem de algum modo serem conhecidos em um isolamento estéril. Foram nos estudos de Norman Zinberg (ALVES, 2015) que o engano dessa postura se revelaram, quando ele nos apontou a fundamental importância de uma análise tripla entre sujeito, droga e contextos, ou drug, set, setting.. E justamente nesse sentido que essa noção da existência como Dasein mostra seu potencial para nossa compreensão. Não sendo natural, nem apartado do mundo, uma vez que é ele que nos doa nossa positividade, somos sempre ser-no-mundo. Dasein nunca é anterior ou posterior ao mundo, ele é co-originário. Sendo assim mundo não é algo que aprendemos em um segundo momento de nossa existência. Quando existimos já estamos imersos em meio a um mundo dotado de sentidos e significados, de um tal modo que não é possível um conhecimento de si que não seja correlato ao mundo que habitamos. Frente à isso é impossível saber de João para além de seu mundo, como é impossível conhecer Pedro e seu uso de crack meramente como um encontro entre ambos sem conhecer o mundo em que eles se realizam.

O que se estabelece como pano de fundo desses questionamentos é a pergunta sobre o fundamento último que caracteriza esse ente que nós somos e buscamos intervir. Em seus trabalhos, Agamben, dando continuidade a discussão e pesquisa de Foucault sobre o biopoder, nos indica as insidiosas repercussões que determinadas tentativas de responder essa questão produziram ao longo da história. Resgatando a discussão ontológica de Heidegger, o filósofo italiano sustenta que a história de nossa tradição ocidental humanista sempre tentou pensar o homem em um paralelismo com o animal, sempre numa condição de um ‘‘que’’, de um ente meramente dado, produzindo a ‘‘animalização do homem efetuada por tecnologias políticas as mais sofisticadas’’ (AGAMBEN, 2004). Esse paralelismo não consegue pensar a condição humana em sua dignidade enquanto um aberto, buscando animalizá-la definindo-a por meio de uma essência dada e fechada por onde todo o caminho da existência deveria se referendar. Ferreira (2011) afirma que

A metafísica confunde o modo como o ser humano, o animal e o ser inanimado existem no mundo. Isto é, *ela se estrutura sobre uma confusão entre ‘‘ser-aí’’*, que nos remete à abertura do ser humano para o mundo, ‘‘*ser vivo*’’, que nos indica o modo como o animal ‘‘subsiste’’ em seu ambiente, e ‘‘*ser dado*’’, espaço em que os seres inorgânicos estão dispostos. (pp.203)

A confusão abordada pelo autor repercute em nossas existências em uma magnitude que não pode ser ignorada. É a partir da essencialização do homem e sua animalização que dispositivos de poder conseguem operar uma distinção entre a vida digna de pertencimento a polis e a vida nua, pura e simples, como de passiva de uma exclusão e sacrifício. A essa vida nua Agamben (2004) deu o nome de *zoe*, que se contraporia a *bios*, ou vida digna pertencente a polis, observando a presença da mesma ao longo da história do ocidente. O que se evidencia enfim é que o processo de determinação da vida humana em um paralelo com a vida animal, permite que um processo de qualificação e estabelecimento de condutas se instaure, sempre referendadas a um modelo ideal, operando uma separação entre a vida digna e indigna.

Todavia isso ainda não é o suficiente para descrever o diagnóstico do filósofo em relação a nossa situação atual. Agamben (2004) percebe que que ‘‘o ingresso da *zoé* na esfera da polis, a politização da vida nua como tal, constitui o evento decisivo da modernidade, que assinala uma transformação radical das categorias político-filosóficas do pensamento clássico’’. Isso significa que vivemos agora uma inclusão contraditória da vida indigna para dentro do campo político, de um tal modo que nossa cidadania é sempre relativa, sempre frágil e vulnerável podendo ser retirada a qualquer momento. Para Agamben isso significa que o pretense Estado Democrático vive constantemente na sombra de um Estado de Exceção, que opera distinções

violentas, que definem determinadas vidas passíveis de extermínio. Expor isso é resgatar o elo que a ontologia e a política têm em nossas vidas, notadamente no que tange o uso de substâncias.

Silva e Hunning (2017) ilustram que é por meio do dispositivo do biopoder que se permite a suspensão da cidadania dos usuários de drogas e da atuação arbitrária do Estado. Não é preciso ir longe para exemplificar isso. Basta lembrar a atuação da polícia militar de São Paulo na região da zona da Luz, famigeradamente conhecida como “Cracolândia”. Utilizando de uma argumentação que as pessoas que ali se encontravam estavam doentes, se autorizou a perseguição, sequestro e encarceramento das mesmas, com o nome de internação compulsória em massa. A criação dessa zona de indeterminação e suspensão de direitos chegou a tal ponto que se autorizou a derrubada de um hotel da região com seus moradores dentro. Longe de uma exceção, o que Agamben nota é que esse é o modo primordial no qual os Estados operam por todo o globo, como coloca Aran e Peixoto Junior (2007)

Desde o Nazismo até Guantanamo, é possível acompanhar como a transformação dos regimes democráticos no Ocidente e a progressiva expansão dos poderes executivos possibilitaram o surgimento do estado de exceção como técnica de governo. Cada vez mais a proclamação do estado de exceção passou a estar prevista não somente como medida de segurança, mas como defesa da “democracia” (pp. 852)

Sustento que justamente por nos defrontamos com a atuação situação que é preciso resgatar a relevância de um pensamento ontologicamente preocupado. É preciso compreender homem enquanto cuidado (*Sorge*), condição essa que será abordada de modo mais detalhado adiante, em sua dignidade de estar a caminho em direção a morte, escapando do vício de pensá-lo a partir de uma animalidade natural que já lhe encerre em uma tendência inata. Enfim, é preciso poder pensar o uso de drogas frente ao aberto que é o homem e não num paralelismo animal que já se encerra num previamente dado. Como se pergunta Ferreira (2011)

Como é possível pensar a humanidade do ser humano, os constrangimentos que resultam da condição histórica na qual esse ser se realiza e se perde, mantendo-nos ao mesmo tempo abertos à ideia fundamental de que *o ser humano é aquele cuja essência é um estar sempre a caminho?* (pp. 211)

#### 4. Fenomenologia no tempo

Resgatando a pertinência e relevância da tradição e do pensamento fenomenológico tanto no campo das reformas psiquiátricas, notadamente nas experiências Inglesas, com Ronald Laing e David Cooper, e Italianas, com Franco Basaglia, quanto da clínica em saúde mental, com Ludwig Binswanger, Medard Boss e Arthur Tatossian, gostaria de propor que essa tradição pode uma vez mais nos ajudar a retornar às coisas mesmas. Dito de outro modo, hipotetizo que por meio do pensamento fenomenológico seja possível adentrar o campo da clínica AD e iluminar algumas de suas vicissitudes, sem que caímos novamente em vícios de um pensamento reduzido.

A fenomenologia que se inicia por meio de um exercício filosófico de Edmund Husserl de fundar uma ciência do rigor, se desdobrou frutiferamente para dentro do que se chamou durante a “Querela dos Métodos” do Século XIX das Ciências do Espírito (Geisteswissenschaft), que posteriormente se sedimentaram nas chamadas ciências humanas. Essa querela, pretensamente superada, criticava a tentativa de uma mera transposição das metodologias de análise e explicação dos fenômenos naturais para dentro do campo das ciências humanas. A produção predominante da época, talvez assim como hoje, defendia um modelo de produção de conhecimento explicativo caracterizado por um exercício de conhecimento dos objetos em si mesmo, em suas leis e comportamentos essenciais. Isso implicaria uma extração do objeto de conhecimento de seu campo de manifestação mais amplo, seu contexto, assim como um exercício de atomização do objeto, de decomposição, até suas menores partes, até um grau de indivisibilidade. É aqui então que nas ciências humanas se encontra o indivíduo, aquele que não pode mais ser dividido. Encontrado o átomo, essa parte indivisível, se deveria então estudá-lo a exaustão, até que fossem desveladas suas leis gerais de um tal modo que fosse possível prever e controlar seu comportamento. (BRAGA, 2014).

Um dos mais ferrenhos opositores dessa metodologia foi o psicólogo alemão, infelizmente pouco estudado, Wilhelm Dilthey, partidário do idealismo alemão debitário do pensamento kantiano. Dilthey defendia que a mera transposição da metodologia explicativa das ciências naturais para as ciências humanas destruiria o que era mais fundamental e essencial dos fenômenos humanos, que seria seu nexos estrutural histórico vital. O mecanicismo explicativo, que operava segundo um fundamento lógico causal, não conseguiria alcançar a totalidade que caracterizaria os fenômenos vitais e históricos que compõe a existência humana, produzindo um saber superficial e árido que pouco falava de nossas vivências cotidianas e

condição humana. No lugar das metodologias explicativas, ele propunha uma metodologia compreensiva, onde o fundamental seria o desvelamento do nexos estrutural que articula todas as vivências cotidianas em sua referência com uma totalidade histórica viva. O método que ele compreensivamente estabeleceu para alcançar essa solidariedade geral que une os fenômenos foi nomeada como hermenêutica. Vale pontuar que embora Dilthey não tenha inventado a hermenêutica e parte do exercício compreensivo que a caracteriza enquanto método, foi ele quem primeiro fez uso dessa modalidade de pensamento para pensar os fenômenos humanos. (CASANOVA, 2017).

A tentativa de compreensão do fenômeno do uso problemático de substâncias psicoativas para além do horizonte que lhe funda produz uma abstração genérica, muitas vezes com a pretensão universalista, que retoma o exercício de explicação enquanto único saber em uma analogia entre os fenômenos humanos e fenômenos naturais, ou seja, retoma a cegueira sobre o elo entre o fenômeno e seu campo de manifestação mais amplo. Se fenômenos humanos são históricos, precisamos então necessariamente compreendê-los nessa estrutura, sob o risco de produzirmos um saber morto caso não sejamos cautelosos.

Husserl, contemporâneo e interlocutor de Dilthey, elaborou a fenomenologia enquanto uma tentativa de fundamentação rigorosa da filosofia, que serviria depois de base para as ciências no geral. Sua crítica seria que pensamento de sua época estava enraizado em concepções históricas de conhecimento que se fundava em um equívoco decorrente da ideia Cartesiana de sujeito e consciência. O que Husserl afirmava era que essa concepção se baseava em uma essencialização incorreta da consciência que lhe concebia enquanto fechada e existente por si mesma, lhe fugindo então do que lhe era mais característico, sua imanência e seu movimento. Se voltando de maneira descritiva e suspendendo todos seus entendimentos e concepções prévias, Husserl perceberia que nossa experiência da consciência se funda justamente sempre enquanto movimento que se dirige a algo, sempre enquanto consciência correlata de um objeto para essa consciência. Nossa consciência é desse modo sempre consciência de algo, sempre em um movimento em direção ao mundo. Esse movimento ele deu o nome de intencionalidade, fundando a ideia de consciência intencional. (FEIJOO, 2011)

Embora a noção de intencionalidade tenha trazido contribuições riquíssimas para o pensamento científico e filosófico do século XX, foi a metodologia estabelecida por Husserl para alcançar esse fenômeno que constituiu um pilar decisivo em suas contribuições para a psicologia e o campo da reforma psiquiátrica. O pensador estabeleceu como caminho até o

campo de manifestação dos fenômenos a suspensão de todos os preconceitos, pressupostos e posicionamentos prévios, abandonando e suspendendo nossa atitude natural, no que posteriormente ficou conhecido como Epoché, descrevendo rigorosamente tal como nós ocorre o campo fenomênico, para além do que é estabelecido pelo senso comum e a teoria, permitindo um acesso a intencionalidade e o fluxo da experiência tal como ela se dá. Esse exercício e gesto existencial, que radicalmente transforma o conhecer e aquele que conhece, ganhou o nome de Redução Fenomenológica. Dito de outro modo, é por meio da suspensão de nossa imersão tradicional no universo de uma série de referências óbvias já estabelecidas que ditam o que as coisas são e devem ser, podemos chegar a uma redução da consciência a experiência, para onde as coisas se dão, nos permitindo enfim se perguntar o que afinal se passa ali. (FEIJOO, 2011)

Resgatar esses autores não é um exercício de erudição vazio. Nossa ideia moderna de sujeito é fundada em um indivíduo que se daria por si próprio, dotado de uma consciência em si mesma, fechada ao mundo, constituída de modo natural. Tal como estabelecido anteriormente, essa concepção não é sem implicações e consequências para nossas existências.

Quando Dilthey nos apresenta um vínculo entre a vivência singular e o mundo histórico que habitamos ele vai demolindo muitas das bases que irrefletidamente tomamos como dadas no cotidiano de nossas práticas e vidas. Quando Husserl nos aponta a intencionalidade ele nos mostra nosso movimento constitutivo para fora, sempre junto ao mundo e seus entes, já nos dando um indicio que não é possível nenhuma internalidade não correlacionada a um fora, nos emprestando ainda um método primordial para alcançarmos as coisas mesmas para além de nossos preconceitos e posições cotidianas previamente estabelecidas. Concretamente foi através da Redução Fenomenológica e Epoché que Basaglia pode enfim pensar em algo como colocar a doença entre parênteses, o que não era um exercício intelectual mentalista, mas todo um modo de se colocar frente ao outro que inaugura uma relação e um outro modo de conhecer. Essa inovação permitiu um saber novo, distante da reificação que dominava as práticas e saberes de seu tempo marcadas por uma cultura manicomial, que influenciou de modo contundente toda o processo de Reforma Psiquiátrica Italiano. Ela pode então acessar essas existências para além de uma tentativa de classificá-las ou referencia-las a uma estrutura psicopatológica, seja de origem biológica, mental ou psicodinâmica, num entendimento tal como enunciado Lancetti de “Intensificar o estatuto ontológico da cidadania. O paciente é primeiro um cidadão e depois um quadro psicopatológico”. Justamente por isso a redução foi então um instrumento antimanicomial de produção de saber e cuidado. Será que não pode ela

fazer o mesmo na nossa cultura proibicionista? Pode ela ser usada como um instrumento antiproibicionista?

O que fica fortemente evidenciado é que isso não é só um gesto teórico, é um gesto clínico, político e existencial onde a ingenuidade permite a construção de algo que não está fundado em uma replicação inócua da teoria, mas de um saber e relação que se funda na existência, e que, portanto, tem uma dimensão meta-teórica. Um gesto que via a ingenuidade permite acessar o fenômeno por ele mesmo, para além de preconceitos e pressupostos, para além dos ditames teóricos acumulados previamente estabelecidos. Enfim o que se desvela é que “Ética e fenomenologia são rigorosamente inseparáveis, e que a elaboração, essa da questão do ser, possui uma evidente dimensão ética.” (DASTUR e CABESTAN, 2015)

O campo fenomenológico não é um campo teórico, que explica algo, que descreve leis gerais, repetições ou tendências naturais dos fenômenos, e isso não significa anular ou ignorar as contribuições necessárias e ricas das teorias, especialmente as do campo da saúde mental. Todavia é preciso realizar uma crítica, no sentido kantiano, de estabelecer os limites da teoria e o quanto podem suas hipóteses. É preciso nesse sentido que então que nunca se automatize o pensamento sob o risco de que possamos perder a própria capacidade de pensar. É justamente isso que Heidegger denuncia em nosso tempo onde o cálculo tomou o lugar do pensar como o único modo válido.

No que tange mais especificamente o campo da saúde mental, seja na psicopatologia e psicoterapia, seja nos movimentos de reforma, a fenomenologia, em suas múltiplas vertentes de pensamento, se fez influente ao longo do século 20. Isso significou muitas vezes a popularização de um equívoco comum de entendê-la enquanto uma entre muitas abordagens da saúde mental, da psicologia ou da psicopatologia. Esse engano no conduz para um caminho distante do que mais propriamente caracteriza a fenomenologia, que mesmo em suas muitas derivações se mantém, que é um modo rigoroso e atento de se pensar os fenômenos.

Como essas diferenciações como conhecimento explicativo e compreensivo, consciência fechada e consciência intencional, ou até mesmo do homem enquanto ente meramente dado ou como abertura se fazem presentes em nossas práticas clínicas sem que nem ao mesmo nos dermos conta disso? De modo semelhante como pode alguém, sem nem saber quem é Descartes, ser o mais Cartesiano dos homens? Sem ler Aristóteles ser aristotélico e operar com uma diferença entre aparência e essência, sem saber nem ao menos a origem dessa dicotomia? Sem ler Santo Thomas e ainda assim acreditar em liberdade apenas como livre

arbítrio como se tal ideia fosse natural e não datada de um tempo histórico? Como pode o pensamento desses autores ser relevante em nossa época quando nos encontramos diariamente tão distante deles?

A resposta é que não é preciso conhecer ou ler esses autores para ser guiado pelo pensamento que eles deram voz. Mesmo que nunca nos interessamos pela filosofia ou pela história do pensamento somos pela nossa tradição guiados por esses preconceitos sedimentados, que chegam a nós de modo estreitado. Esse pensamento nos chega pelas nossas escolas, igrejas, livros, novelas, músicas, enfim por toda uma gama de produtos da cultura seja de uma maneira tematizada, seja como uma herança nunca refletida. Essa linguagem que desconhecemos a origem e que impessoalmente repetimos é o que no vocabulário de Heidegger constitui o falatório (Gerede), enquanto aquilo já falado, enquanto discurso do mundo, mas repetido de modo inapropriado e inaltenticamente. Isso se dá de tal forma que “nós nos movimentamos, portanto, cotidianamente em meio a um horizonte de preconceitos globalizados que prescrevem todas as nossas possibilidades iniciais de comportamento” (CASANOVA, 2017)

Não se enganem, é justamente nesse horizonte de preconceitos globalizados que muitos dos engodos de nossa clínica estão localizados, assim como de nossas compreensões parciais e estreitadas em relação ao fenômeno do uso problemático de substâncias psicoativas. Um exemplo cristalino disso é nosso entendimento de drogas: O CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas afirma que seja “qualquer substância capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento.” (2011). De modo semelhante ao “O Glossário de Álcool e Drogas” (OMS, 2010) afirma que uma substância psicoativa é “Uma substância que quando ingerida afeta os processos mentais, por exemplo, cognição ou humor” .

Em ambas as definições o que prevalece são noções que buscam alcançar a determinação de uma substância psicoativa se baseando em noções metafísicas e reduzidas do que propriamente caracterizaria a existência humana. Na primeira o que vemos é uma concepção que busca o entendimento de uma SPA em relação a um funcionamento orgânico fisiológico do corpo humano ou no máximo apelando a uma ideia de mudança de comportamento, nesse sentido se afastando longinquamente de qualquer compreensão que busque descrever o que essa experiência de encontro com uma SPA. No segundo nos é apresentada uma definição que se calca em processos mentais, dividindo a cognição e o humor, retomando a tradicional separação entre afeto e razão em uma linguagem atualizada. Predomina

então uma noção de mental em oposição ao fisiológico da primeira, todavia em ambas ainda existem uma tentativa de explicar o fenômeno apenas por uma via natural e causal, ignorando sua inserção na cultura, suas implicações nas relações humanas e seu impacto na existência, dizendo pouco ou quase nada do que é seu efeito em nossas vidas.

Será que a experiência de João de fumar seu cachimbo enquanto olha o céu estrelado após um extenuante dia de trabalho consegue ser alcançada e descrita somente com uma mudança de processo mental? como uma mudança de função fisiológica ou de comportamento? Ou até mesmo como um estado alterado de consciência? Isso de algum modo fala de sua relação com o tempo? De como seu futuro e seu passado se apresentam para ele naquele momento? Ou de como sente e vivencia seu corpo? Ou de como se molda a sua relação consigo e com os outros? Sustento que não, que nada disso dá conta de descrever a maravilha, potência e também risco de que é uma substância psicoativa em nossas existências. É como elas estão presentes em nossas vidas ! Lícitas e ilícitas, prescritas e proscritas, do café na manhã, ao chá da tarde, a cerveja de fim de expediente ao remédio para dor de cabeça e porque não as rodas de maconha com os amigos, aos tiros antes das festas e as pedras ao luar, sem nos esquecermos até mesmos das por muitas vezes indignas medicações prescritas, que sem falsos maniqueísmos fáceis, com prudência e radical horizontalidade podem produzir linhas de fuga e modos de existência, o que infelizmente é raro em nosso tempo. Enfim, por todos os lados elas se fazem presentes, moldando nossas relações e vidas em uma magnitude que não pode ser ignorada. Perlongher(1992) tenta descrever justamente essa magnitude afirmando que ``o consumo de substâncias denominadas genericamente drogas (..) de deixar de ser aquilo que se é no círculo da vida convencional'', ou seja, qualquer substância psicoativa produz um movimento que nós retira do ordinário da vida cotidiana e nós lança em outro lugar. É preciso perguntar nesse movimento: de onde se sai? aonde se pretende chegar?

## 5. O Cuidado (*Sorge*) no encontro das duas reduções

É preciso pensar o uso de substâncias psicoativas para além de nossos pares dicotômicos entre mente e corpo, sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, ou até mesmo razão/cognição e emoção/afeto, ou seja, das armadilhas herdadas por nós que se enraízam em um pensamento metafísico. Resgatar a descrição da existência enquanto Dasein pode nos libertar dessas amarras e ir de encontro ao que propriamente ocorre enfim em nossas existências nesse encontro com as drogas. Se até aqui ficou mais evidenciado os aspectos da existência ligados a historicidade do mundo, se evidencia por essa discussão a temporalidade da existência, seu complemento correlacionado obrigatório.

Retomando, Dasein se relaciona originariamente consigo e com os entes do mundo de maneira aberta, uma vez que nada determina seu modo de ser, nada o fixa em um determinado modo ou relação, sendo assim ele é também aberto para seu próprio ser de um modo que não ocorre com outros entes. Ao mesmo tempo isso também implica que para Dasein seu ser está sempre em jogo, sempre tendo que se determinar, sempre tendo cuidar de seu ser. Heidegger (1995) define esse aspecto como um dos existenciais que determina a existência humana, nomeando da Cuidado (*Sorge*). Cuidado não deve ser entendido de um modo moral ou medicalizante, como boas ou más práticas de cuidado, mas como um cuidado da existência em sua constante determinação. Isso se dá em determinada atmosfera afetiva, sempre em uma compreensão de mundo, de modo discursivo. Também não deve ser entendida de maneira intimista, visando um suposto mundo interno escondido e oculto. Dastur e Cabestan (2015) aponta que “(..) o cuidado é ontologicamente anterior ao querer, ao desejo, ao impulso e à propensão, isto é, a essas pulsões que se consideram características do vivente em geral” .

Por Cuidado devemos também compreender a junção Heideggeriana entre o elemento hermenêutico que ele herda da tradição Diltheyana, assim como a Intencionalidade descrita por Husserl. Cuidado é a radicalidade da intencionalidade que uma vez efetuada encontra o círculo hermenêutico que marca a cotidianidade da existência humana. E por esse elemento do pensamento que Heidegger consegue superar certo solipsismo que estava presente na obra de Husserl, muito apegada a ideia de consciência e sua monada. A introdução do elemento Cuidado na descrição ontológica do Dasein nos permite compreender justamente o desdobramento da existência em seu movimento de determinação em sua correlação necessária as compreensões sedimentadas de determinado mundo histórico e seu horizonte de sentido. A noção de Cuidado

é portanto de última importância para todo o pensar que busque se desdobrar sobre a existência humana no geral.

É importante destacar no que o entendimento da essência da existência humana enquanto Cuidado implica. A noção de Cuidado marca que o tempo primordial na condição humana é o futuro. Ele determina o modo como Dasein se lança enquanto projeto, resgatando seu passado e vivenciando seu presente. Ainda, frente a essa constatação fica evidenciado a importância da temporalidade no modo de ser do homem. Sodelli (2016) coloca que:

Assim, o futuro é uma antecipação, o passado, a retomada do que uma vez foi possível, e o presente, o instante de decisão. Fenomenologicamente, o passado ainda está no presente, no presente está comprimindo o passado, como no passado antecipa-se o futuro (pp.69).

Sendo assim vivemos a conjugação desses três êxtases temporais. O entendimento hegemônico que estamos cotidianamente inseridos preza por uma concepção onde o tempo passado tem uma primazia sobre todos os outros tempos (presente e futuro), onde a passagem entre os três tempos se dá como uma sucessão de agoras, de instantes, onde o tempo anterior determina de modo causal o tempo seguinte e assim por diante.

O uso de drogas modifica onticamente nossa experiência da temporalidade. (SODELLI, 2016). Isso significa que ela modifica nosso modo de estar no mundo, de estar com os outros, conosco, em nossa espacialidade e corporeidade (outros dois existenciais que compõem o Dasein e não previamente introduzidos). Usemos um exemplo cotidiano e banal: todas as manhãs acordo muito cansado, sentindo meu caminhar devagar, meu pensamento lento, tendo dificuldades de me planejar para o longo do dia, com pouca disposição para me ocupar com as tarefas do mundo, sem vontade de conversar ou escutar os outros, vivenciando uma passagem monótona do tempo. Algo aparentemente simples como a ingestão de café modifica radicalmente essa abertura e o modo que eu me relaciono com as coisas do mundo, me permitindo outras possibilidades.

Sodelli (2016) aborda isso trazendo alguns exemplos ilustrativos de possibilidades que o uso de substâncias traz: partindo do entendimento do homem como êxtase temporal, uma pessoa com dificuldades de se relacionar com os eventos de seu passado poderia beber (uma droga depressora) e se esquecer do que lhe ocorreu, alguém que sente um profundo tédio com o seu presente poderia usar uma substância alucinógena, tornando-o mais atrativo, ou alguém excessivamente preocupado com seu futuro poderia usar cocaína (estimulante) para diminuir o desconforto da incertezas do futuro e se ocupar rapidamente de vários afazeres. Isso não deve

ser pensado de modo estreito e numa causalidade linear onde os efeitos de uma substância (depressora, estimulantes ou alucinógenas) estariam ligadas a determinado êxtase temporal, contudo nos dá indícios e apontamentos de como o efeito de uma substância se relaciona com nosso modo de lidarmos com nosso aspecto de Temporalidade.

Dessa forma fica evidenciada a importância dos sentidos que são enredados a determinados efeitos que configuram a experiência do Dasein em seu encontro com a substância. Vale perguntar, a que se destina tal alternância da experiência? Aqui também fica destaque a questão do êxtase temporal e da primazia do futuro, uma vez que sentido não é algo que remete a um evento passado e ocultando da consciência presente, mas a um modo mesmo de se projetar e lançar no futuro, que costura os outros tempos (SODELLI 2016).

Compreendendo então a magnitude dos efeitos potenciais de uma substância psicoativa em nossas existências, é possível a realização de um entendimento de fundamento existencial do uso problemático. A psicopatologia e psicoterapia de base fenomenológica hermenêutica fundada pelo suíço Medard Boss em parceria com Heidegger compreendeu aquilo que chamamos de sofrimento psíquico como modos de ser restrito em sua liberdade e possibilidade, como projetos existenciais de sentido encurtados (FEIJOO, 2011). Esses projetos existenciais de sentido, expressão da temporalidade da existência, se fundam por sua vez em determinações do horizonte histórico que habitamos, que corresponde a historicidade do mundo. Tal como coloca Ong (2015) “entender o ser-ai é entender o tempo que é o dele, é fazer um diagnóstico do presente”.

Se as substâncias psicoativas produzem um movimento na temporalidade de nossas existências, de um local que se deseja sair indo em direção a um lugar aonde se pretende chegar, vale o questionamento do que afinal precisa ser incessantemente alterado? Que movimento é esse que se instaura entre o ordinário e cotidiano, aqui que nós é diário e convencional, e esse segundo lugar para onde uma substância pode nos enfim levar ?

Ironicamente o que visava produzir um movimento, uma vez colocada em um movimento tão incessante se torna uma fixidez. Essa fixidez se traduz na instauração de um sentido que se torna preponderante e destacado frente os demais, produzindo um “afunilamento existencial” (MESSAS, 2015). Silveira (1995) descreve que nessas existências o uso problemático “tem a função de colorir seu imaginário, como em um devaneio, protegendo-o da mediocridade do insuportável cotidiano”. Esse afunilamento não se dá em um vazio, mas sempre em um correlato com um cotidiano, sempre em relação a um fundo que está colocado

em segundo plano, afinal entre aquilo que se destaca existe sempre aquilo que fica ocultado. Justamente em torno disso que Schalow (2015) argumenta que a preocupação do uso monopoliza todas as outras preocupações, encurtando a capacidade de projeção no futuro nessas existências. Não é isso então uma solidão de sentido, onde nenhum outro sentido se instaura?

Será que esse modo de ser não se traduz como um projeto bem específico de existência? Em uma aposta, como uma tentativa de resolver a existência pela presença de um objeto? Será que o projeto na abstinência não é sua outra face? Ou seja, a tentativa de resolver a existência pela ausência desse objeto? Não seriam as duas uma certa utopia individual?

Até aqui se evidenciou por todo os lados uma série de crítica aos modos de pensamento hegemônicos do nosso tempo que herdamos da tradição. Todavia, o que essa abundância de críticas também revela é que vivemos a aurora de um tempo onde nossas referências estão em crise. Se a tradição em sua oferta de modos previamente constituídos nos possibilita habitar o mundo numa familiaridade ordenadora, que localiza, divide e hierarquiza nossas demandas das mais banais até as mais profundas, a crise da tradição instaura em nós uma condição peculiar, muito específica de nosso tempo. Essa condição é o solo onde o uso problemático de substâncias em seu desdobramento contemporâneo se constitui. Isso significa que o niilismo que muitas vezes localizamos estritamente na existência de nossos usuários não é apenas deles. Esse niilismo é a expressão de nosso tempo, e justamente a isso que Nietzsche se refere com a “Morte de Deus” (ONG, 2016). Vivemos a nostalgia de um referencial absoluto e universal por ordenaria nossas existências, política e sociedade. É por essa condição enfim que algo em um mar de flutuações tem que se fazer fixo, tem que se fazer estável. Em um tempo de inabaláveis incertezas, pode alguém abdicar de um prazer presente em nome de um fantasma de futuro? Pode-se ter alguma indicação, alguma previsão, alguma esperança do que pode enfim vir a ser?

As palavras de ordem de nossa tradição ditam que deveríamos sacrificar o presente em prol de um amanhã, que deveríamos sustentar certo desprazer e contradição em nome de estabilidade e segurança. Não é em torno disso que enfim não se baseia muito da ideia de uma aposentadoria? O que subjaz essa argumentação é uma troca entre dois tempos, que o discurso impessoal nos diz ser a mais prudente e necessária. Mas sinceramente, me pergunto por vezes se não é por um excesso de sensatez que nossos usuários não topam essa infame barganha.

Pois bem, é nesses tempos infames e niilistas que se inserem nossas práticas. E o que podem elas frente a esse afunilamento? Proponho aqui um encontro entre duas reduções que

em sua sobriedade nos permitem saber o que é possível, para além das hipóteses da teoria, e fazer o que é possível, para além das pretensões idealistas já preestabelecidas ou de algum modelo prévio. Isso é, um encontro entre a redução de danos e a redução fenomenológica. Novamente: conhecer o que é possível, fazer o que é possível.

A prática clínica que se originou da fenomenologia hermenêutica compreendia que ao clínico cabia acompanhar seu usuário em seu modo de ser e possibilidade, se abstendo de qualquer modelo ideal previamente estabelecido que lhe orientasse como aquela existência deveria ser. Para além de diagnósticos, de leituras psicopatológicas e quadro gerais era preciso conhecer aquela existência tendo como referencial ela mesma e o modo peculiar como ela se realizava em seu projeto de sentido, sempre em seu ser-com-os-outros e ser-no-mundo. Ao clínico caberia o desvelamento dos sentidos que ali estavam de algum modo não tematizados, mas que animavam e motivam determinados modos de ser encurtados e restritos. Isso que tradicionalmente é tido como sintoma é visto como um modo de ser, que não deve se tornar o centro do trabalho, mas ser tomado como um modo de ser possível entre os outros realizados pela aquela pessoa. A partir disso nenhuma exigência moral deveria ser imposta, nenhuma normatização, nenhuma disciplina, nenhuma lei. Acompanhar o outro em suas possibilidades, almejando, se possível, ir além da restrição, inaugurando novos modos de existir, até então desconhecidos. (EVANGELISTA, 2016)

Similarmente a redução de danos não almeja um objetivo prévio baseado em algum modelo. Buscando a singularidade de cada uso, em seu contexto e sentido, promovendo a redução de riscos e danos possíveis na peculiaridade que cada momento demanda. O uso não apaga aquela existência e sua dimensão maior, que necessariamente aquele comportamento se insere. Como coloca Petuco (2014) ela se define por “uma postura humilde, desprovida de receitas prontas, desconfiada de teorias que desenham os usuários de drogas a partir de perfis dados, é mais importante do que qualquer conhecimento técnico, teórico ou empírico. “. Isso não se traduz apenas na distribuição de insumos, na recusa de uma pregação da abstinência obrigatória ou na diminuição dos danos associadas ao uso e seus contextos. A redução de danos se inventou como uma ética, logo como um modo de se relacionar com o outro. Talvez como coloca Lancetti (2007) o nome nos indique erroneamente que nossa prática se volta apenas para a redução dos danos e não também para a ampliação de vida.

Justamente para discutir o encontro das duas reduções na dimensão existencial do cuidado que gostaria de pôr fim resgatar um princípio pouco falado e quase que esquecido na

discussão de redução de danos brasileira: a baixa exigência. Por baixa exigência devemos compreender os serviços e as práticas que tem um baixo limiar de pré-requisitos para serem acessadas. Isso não se reduz a uma não imposição da abstinência. Essa pode ser um dos pré-requisitos tradicionalmente cobrados. Horários e pontualidade, aderência a medicação, adequação ao restante do PTS podem também compor uma longa lista de possíveis pré-requisitos que fazemos vista grossa. Será que realmente estamos trabalhando com um baixo limiar de exigência quando demandamos que os usuários só venham ao CAPS nos dias previamente estabelecidos? Ou quando só os aceitamos quando estão sóbrios? Será que incorporamos a radicalidade desse princípio em nossas práticas cotidianas?

Na residência tive o privilégio de conhecer um pouco da rede de redução de danos de Portugal e dos programas de *housing first*. Me lembro da descrição de quem eram os usuários primordialmente atendidos por essa iniciativa: aqueles que não aderiram a nenhum outro programa ou estratégia de cuidado. A equipe me exemplificou que sua última moradia tinha sido designada para um usuário que literalmente passou semanas jogando pedra neles, até que depois de uma longa aproximação gradual eles conseguiram ofertar uma moradia permanente em uma região que seria negociada com ele. A exigência? Que apenas ele aceitasse algumas visitas semanais de sua equipe do programa. Nenhuma aderência a tratamento, seja ele medicamentoso, seja psicológico ou afins era exigida. Seu uso poderia permanecer o mesmo que seu direito à moradia não seria retirado. É uma provocação doida, mas será que nossos CAPS-AD trabalham na mesma radicalidade? Nossas unidades de acolhimento transitório? Até mesmo as iniciativas como o De Braços Abertos?

Nessa linha compartilho uma reflexão sobre os horizontes que possivelmente podemos almejar com nossas práticas psicossociais dentro da clínica AD. Quero pensar numa dupla investida: Primeiro que frente a fixidez e afunilamento representados pelo uso problemático uma hermenêutica exploratória desse estreitamento, isso é uma clínica memorial do sentido que explore e desvele o que anima e motiva tal modo de ser. Ao mesmo tempo uma segunda investida, que busque ir além do estreitamento, instigando novos modos de existir, desvelando outras possibilidades tal como coloca Rotelli (1992) “saber desencadear circuitos de ampliação não-químicos”. É agregar um princípio histórico, a um que talvez possamos chamar de geográfico? Enfim, deixo aqui a reflexão sintónica de Lancetti (2015) que deixa:

Mas as pessoas não mudam só porque ressignificam as suas histórias numa clínica puramente memorial, os de focos mutantes de subjetividade se inserem no PTS com agenciamentos de desejo, isto é, experiências que acontecem entre a clínica e a vida

cultural, laboral ou artística na aquisição de novas identidades ou na ruptura de repetições autocentradas ou quando da produção de novas sociabilidades. Mas essas mudanças são quase que imperceptíveis e na construção e desenvolvimento dos PTSs é preciso desenvolver uma curiosidade e um gosto pelo diverso. Uma alegria do diverso. (pp.126)

Percorrido todo esse trajeto penso que temos algumas pistas para pensarmos como poderia se tecer o cuidado em um encontro com as vidas de Pedro e João. Entre o tempo de suas vidas e o tempo do mundo, entre a política e clínica, uma possibilidade de ver suas existências com certa ingenuidade que rigorosamente se coloca em prol dessas singularidades.

## 6. Referências Bibliográficas

- AGANBEN G. Homo Sacer. O Poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG; 2004.  
Ferreira 2011
- ALVES, Y. D... Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo. 1. ed. Salvador: EDUFBA/CETAD, 2017
- ANJOS, A. Versos íntimos In Eu e outras poesias. 42. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.
- ARAN, M.; PEIXOTO JUNIOR, C. A.. Vulnerabilidade e vida nua: bioética e biopolítica na atualidade. Rev. Saúde Pública, São Paulo , v. 41, n. 5, p. 849-857, Oct. 2007
- BRAGA, T. B. M. . Atenção Psicológica e Cenários Sociais - Ação Clínica, Instituições e Políticas Públicas na Promoção da Cidadania. 1. ed. Curitiba: Editora Juruá, 2014. v. 1. 280p .
- CASANOVA, M. A. Compreender Heidegger. Rio de Janeiro: Vozes. 2009
- \_\_\_\_\_ Heidegger e o escuro do existir: esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais. In P. E. Evangelista (Org), Psicologia fenomenológico-existencial. Possibilidade da atitude clínica fenomenológica (25-43). Rio de Janeiro: Via Veritas 2013
- \_\_\_\_\_ A Falta que Marx nos faz Rio de Janeiro: Via Veritas 2017
- CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS.  
Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas. São Paulo: Cromosete, 2004.
- DASTUR, F. e CABESTAN, P. Daseinsanalyse: Fenomenologia e Psicanálise. Rio de Janeiro. Via Veritas, 2015
- DILTHEY, W. Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica. Rio de Janeiro: Via Verita Editora 2011.
- EVANGELISTA, P.. Algumas reflexões acerca da psicoterapia daseinsanalítica com pacientes psiquiátricos. Psicologia Revista, v. 25, p. 59-75, 2016
- FEIJOO, A. M. L. C.. A existência para além do sujeito. 1. ed. Rio de Janeiro: Viaverita, 2011.
- FERREIRA, J. Heidegger, Agamben e o animal. Tempo soc., São Paulo , v. 23, n. 1, p. 199-221, 2011
- HEIDEGGER, M. Ser e Tempo, Petrópolis, Rio.de Janeiro: ed. vozes, 1995,
- JARDIM, L. E. F. . Rumos da Fenomenologia no Brasil. In: Evangelista, Paulo E.R.A (org.). Psicologia Fenomenológico-Existencial: possibilidades da atitude clínica fenomenológica. 1ed.Rio de Janeiro: Via Verita, 2013, v. 1, p. 11-23
- LANCETTI, A. A Clínica Peripatética. São Paulo: Hucitec, 2007.

\_\_\_\_\_ Saúde mental nas entranhas da metrópole In. Saúde mental e saúde da família. São Paulo - SP, HUCITEC EDITORA, 2013. p.11-52.

\_\_\_\_\_ Contrafissura e plasticidade psíquica. São Paulo, SP: Hucitec. (2015)

MESSAS, G. P.. A existência fusional e o abuso de crack. Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea, v. 4, p. 124-140, 2015.

NIETZSCHE, F. Além do Bem e do Mal - Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal - 31. 3ª edição. Editora Escala, 2011

ONG, L. F. e S.. O uso de drogas na consumação da modernidade. 1ed. Rio de Janeiro, Via Verita, 180 p, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - World Health Organization. Glossário de álcool e drogas / Tradução e notas: J. M. Bertolote. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010

PERLONGHER, N. Droga e Êxtase.In: LANCETTI, A. (Org.) SaúdeLoucura. São Paulo: Hucitec. 1992. n. 3, p.77-90

PETUCO, D. R. da S. Redução de danos: das técnicas à ética do cuidado. In: RAMMINGER, T.; SILVA, M. (org.). Mais substâncias para o trabalho em saúde com usuários de drogas. Porto Alegre: Rede Unida, 2014. p. 133-148.

Rotelli, F. 'Onde está o senhor?'. Em Antonio Lancetti (org.), *Saúde Loucura* 3. São Paulo, Hucitec. 1992, p. 67-76

SILVA, W. V.; HUNING, S.M. dispositivo das drogas e governo da vida. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 29, e131525, 2017 .

SILVEIRA F. D. X. Drogas: uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SODELLI, M. A. Uso de Drogas e Prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações reudtoras de vulnerabilidade -2º Edição Atualizada e Ampliada. 2. ed. Rio de Janeiro: Via Veritas, 2015. 170p.

SCHALOW, F. “The Phenomenological Elements of Addiction: A Heideggerian Perspective,” in *Horizons of Authenticity in Phenomenology, Existentialism, and Moral Psychology: Essays in Honor of Charles Guignon*, ed. Hans Pedersen and Megan Altman. Dordrecht: Springer Publishers, 2014: 165-178

UOL. Número de pessoas mortas por policiais em SP é o maior em 15 anos, 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/30/numero-de-mortos-em-suposostos-confrontos-com-policiais-de-sp-e-o-maior-em-15-anos.htm>. Acessado em 25/02/2018 às: 20:00